



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

NATÁLIA DOS SANTOS BARBOSA DA SILVA

**CABELOS CRESPOS, CACHEADOS E CIBERATIVISMO NEGRO: Práticas de
Construção da Identidade da Mulher Negra.**

**GUARABIRA/PB
2020**

NATÁLIA DOS SANTOS BARBOSA DA SILVA

CABELOS CRESPOS, CACHEADOS E CIBERATIVISMO NEGRO: Práticas de
Construção da Identidade da Mulher Negra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do Título de
Graduada em História.

Linha de Pesquisa: História e Estudos
Culturais: Etnia, Crença, Gênero e
Sexualidade.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

GUARABIRA/PB
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Natalia dos Santos Barbosa da.
Cabelos crespos, cacheados e ciberativismo negro
[manuscrito] : práticas de construção da identidade da mulher
negra / Natalia dos Santos Barbosa da Silva. - 2020.
18 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Cabelo crespo. 2. identidade. 3. ciberativismo. 4. mulher
negra. I. Título

21. ed. CDD 909.4

NATÁLIA DOS SANTOS BARBOSA DA SILVA

**CABELOS CRESPOS, CACHEADOS E CIBERATIVISMO NEGRO: Práticas de
Construção da Identidade da Mulher Negra**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Aprovado em: 30/11/2020.

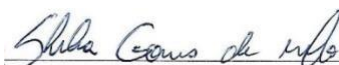
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador) Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



Prof.^a MS. Sheila Gomes Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO: CABELOS CRESPOS E CACHEADOS	07
3	CIBERESPAÇO: CABELOS CRESPOS E CACHEADOS COMO PRÁTICA DE POLITIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS.....	10
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS	18

CABELOS CRESPOS, CACHEADOS E CIBERATIVISMO NEGRO: Práticas de Construção da Identidade da Mulher Negra

Natália dos Santos Barbosa da Silva

RESUMO

A partir de uma experiência vivida, darei início a uma discussão muito presente nos dias atuais, que é de suma importância para a sociedade, o “cabelo crespo e o ciberativismo”. A mulher negra deixou de lado o pensamento eurocêntrico, que há muitos anos perdurou na nossa sociedade, para assumir a sua identidade, sua cor, seu cabelo crespo; o cabelo se tornou uma arma política contra todo o preconceito, quebrando todos os paradigmas. Neste trabalho será apresentado e discutido todas as ferramentas utilizados pelas mulheres negras nas redes sociais como o Facebook, Instagram e o Youtube, estas que são redes de interação social, que as fazem se conhecerem, trocarem experiências, se apoiarem, e discutir assuntos e acontecimentos, que infelizmente ainda acontece nos dias atuais. No século XXI se tem um movimento feminista diferenciado dos demais movimentos que já aconteceram na História, o que difere é que se vê grandes grupos cibernéticos, de mulheres unidas com o objetivo de recuperar sua identidade, através do cabelo crespo. E é através de todo esse movimento, que surgem novos conceitos e significados, como o significado de “identidade”. Também será apontado o vasto número de grupos de Instagram, e entre outras redes sociais, com grande número de seguidoras, e os objetivos e finalidade deste grupo. A youtuber Vandressa Ribeiro, que conquistou várias seguidoras, com seus tutoriais, e também mostra como é o seu dia a dia. O cabelo crespo como uma arma de politização, e o ciberativismo que contribui para o desenvolvimento desse grande movimento da mulher negra.

Palavras-chave: Cabelo crespo, identidade, ciberativismo, mulher negra.

ABSTRACT

Based on a life experience, i will start a very presente discussion nowadays, which is of Paramount importance for society, “Curly hair and cyberactivism”. The black women left aside the Eurocentric way of thinking which lasted many years in our society, to assume their identily, their color, their curly hair; their hair became a weapon against all prejudice, breaking every paradigms. In this work, all the tools used bay black women will be presented and discussed, social networks such as Facebook, Instagram and youtube are social interaction networks, which make them meet each other, Exchange experiences,suport each other,and discuss issues and events, which unfortunately still happen these days. In the 21st century, there is a feminist movement that gets differentiated from other movements that have already happend in history, wat differs is that we cansee large cyber groups of United women, whit the objective of recovering their identily through curly hair. And it is this whole movement that new concepts and meanings emerge, as the meaning of “identily”. Among other social networks, the vast number of Instagram groups will also be pointed, with a large number of followers, as the objectves and purpose of this group. The youtuber Vanessa Ribeiro, who won many followes with her tutoriais and also by showing how her day to day is. Curly hair as a weapon of politicization, and cyberactivism that contributes to the development of this great movement of black woman.

Keywords: Curly Hair, Identily, Cyberactivism, Black womam

1. INTRODUÇÃO

O que me motivou a trabalhar este tema no trabalho de conclusão de curso (TCC) foi a minha relação com o meu cabelo cacheado e a aceitação dele. Até chegar a essa condição, passei por um grande processo onde tive que abandonar os estereótipos do cabelo da mulher que são impostos pela sociedade, cuja referência de beleza é o cabelo liso. Comecei a alisar os meus cabelos aos 17 anos, porque muitos diziam que seria bom alisar levemente, pois baixaria o volume dos cachos. No mesmo período fui selecionada a fazer uma entrevista em uma instituição federal, para a minha felicidade, o efeito do cabelo liso ainda estava na minha mente, então dei uma escova no cabelo e fui fazer a entrevista.

Eu tinha em mente, que o cabelo liso, era o mais apresentável, do que o cacheado, mesmo eu gostando dos meus cachos. Passei na entrevista, e fui chamada para estagiar. Aos poucos, meus cachos foram voltando, e até mais bonitos. Decidi ficar com o cabelo natural, sobretudo, porque todas as pessoas com quem eu convivía na instituição onde estagiava, sempre elogiavam meus cachos, tanto na escola onde eu estudava, quanto no local de estágio. Mas quando eu olhava para as colegas de estágio, via todas de cabelo liso, e apenas eu de cabelo cacheado, eu me sentia menos profissional, principalmente porque no mercado de trabalho o visual, é a primeira impressão que fica, foi quando radicalizei e decidi fazer uma escova progressiva no cabelo, ou seja, alisei.

No primeiro momento aprovei o resultado, cabelo estirado e arrumado, mas à medida que lavei e me vi com o cabelo com química, e sem escova e chapinha, fui aos prantos. Percebi que havia me tornado dependente da chapinha, e de todos os procedimentos para estirar o cabelo. Usava chapinha constantemente, e com o tempo, vi meu cabelo se quebrar, e perder vida. Depois de cinco meses com o cabelo alisado, decidi não mais alisar, entrei na fase de “transição capilar”, na época não sabia que existia esse termo, pois naquela época, não era como hoje; existem grupos de mulheres com cabelos cacheados que se apoiam nesse processo. Ou seja, o de aceitar o cabelo cacheado. O movimento é sério, visto que há mulheres representantes em várias cidades do Brasil. A partir de então passei a consultar os canais de youtuberes. Esses me inspiraram primeiramente e me ajudaram a aceitar os meus cabelos cacheados, razão porque atualmente sigo grupos de crespas e cacheadas. Nesse processo não me sinto sozinha, pois passei a perceber que muitas mulheres negras aderiram aos seus cabelos naturais. Nesse processo uma coisa é importante afirmar: voltar aos cachos não significa estar na moda, significa assumir o cabelo, e a identidade negra. Nesse processo, um momento marcante que lembro até hoje, e que me estimulou a assumir os cachos, foi no período do carnaval. Eu estava assistindo num canal de TV um programa onde seriam

selecionadas entre as rainhas de bateria de escolas de samba, a rainha do carnaval. Cada escola de samba tinha uma representante. De repente vi na TV uma das candidatas à rainha do carnaval com cabelo cacheado, o que era muito comum entre elas. Quando vi aquelas moças com os cabelos cacheados me bateu um arrependimento profundo por ter alisado meu cabelo. Naquele momento tive mais inspiração e força para deixar meu cabelo cacheado natural. Daquele momento adiante se passaram dois anos para meu cabelo voltar ao normal. Hoje estou feliz e livre da ditadura da chapinha. Livre, porque não dependo de chapinha para me sentir bonita e sair de casa. Meu cabelo cacheado e natural não me impede de tomar um banho de praia, pois hoje deixei de ter medo de que a água salgada da praia estrague o alisamento, pois hoje ele não existe.

Foi a partir da minha experiência de libertação da ditadura da chapinha que resolvi abordar neste trabalho de conclusão de curso o movimento das mulheres de cabelos crespos e cacheados; trata-se de um movimento formado por mulheres negras que recorreram à internet para propagar suas experiências de libertação da ditadura da chapinha e assim ajudar outras mulheres nesse processo de aceitação e construção da identidade de mulher negra. A partir destas questões elaboramos os seguintes objetivos que desenvolvemos ao longo deste trabalho: 1) analisar e identificar no movimento feminista negro do século XXI, a aceitação da mulher negra ao cabelo crespo; 2) Identificar a relação entre os meios de comunicação, identidade negra; empoderamento e aceitação; 3) Caracterizar o papel do Ciberativismo negro no processo de aceitação/propagação do cabelo crespo; 4) Analisar o papel do Ciberativismo negro (internet) no processo de discussão da autoestima da mulher negra brasileira.

2. MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO: CABELOS CRESPOS E CACHEADOS

O movimento feminista negro possui uma forte relação com os meios de comunicação, a exemplo do ciberespaço negro (internet), ou seja, essa ferramenta é muito útil, sobretudo, para divulgar suas ideias, mobilizar e convocar as mulheres negras a participar de atos públicos e eventos organizados em defesa dos seus direitos e contra a violência a que são submetidas. Nesse processo a história aponta um período em que o cabelo crespo foi valorizado, foi o movimento Black Power.

Segundo Lopes e Figueiredo (2012, p. 08), essa nova moda no Brasil, abriu um novo olhar no campo estético, e trouxe uma nova possibilidade à população brasileira no direito de ir e vir, assim como possibilitou mais oportunidade, no espaço do mercado de trabalho, tanto no que diz respeito às políticas públicas, e também para se pensar nas relações sociais dentro e fora da academia. O advento da globalização, aliado a popularização do acesso à internet no final da década de 1990 do século XX e primeira década do século XXI (2000 e 2010), permitiu que este movimento ganhasse maior visibilidade, pois foi se construindo e vivenciado em significativa parte do tempo, no ambiente virtual. Por isso acredita-se que o movimento surgido na primeira década do século XXI, reiniciou uma discussão a respeito do uso do cabelo natural como ferramenta da reflexão política, por meio de uma perspectiva única e diferenciada, pois teve seu início no ambiente virtual e foi para fora dele através de encontros e marchas com pautas de discussões específicas. O lado positivo desse processo foi o surgimento de um novo movimento chamado **Ciberativismo Negro**, e através dele as mulheres negras passaram a cada vez mais se comunicarem, seja em grupos de Facebook e entre outras redes sociais para discutir sobre o que elas passam no seu dia a dia com relação ao preconceito por conta dos seus cabelos serem crespos e cacheados. A massificação do ciberespaço (internet) no século XXI proporcionou aos diferentes sujeitos sociais, entre eles as mulheres negras, transformações comportamentais e de ação na sociedade, à medida que globalizou a comunicação, a discussão sobre o racismo e a conscientização de sua identidade racial sem que elas tenham que sair de casa.

Nos grupos de mulheres negras disponíveis no ciberespaço são comuns denúncias, desabafos de mulheres que sofrem porque seus companheiros não as aceitam com seus cabelos crespos e cacheados. Nos grupos elas discutem como utilizar e cuidar das madeixas. Para essas mulheres o cabelo passou a ser uma arma política, um objeto de discussão e símbolo de aceitação e resistência. Para fundamentar a análise das fontes identificadas no ciberespaço dialogamos com algumas pesquisadoras que discutem sobre a mulher negra, a relação com o ciberespaço e outras questões como, por exemplo: Lopes & Figueiredo (2012).

Nas suas pesquisas, essas autoras, no atual cenário de discussão analisam o movimento do cabelo crespo. Para elas a luta desse movimento “não é só por cabelo”, mas por uma questão de identidade. Essas autoras afirmam que: “O cabelo crespo pensado como parte de um movimento em que se destaca pelo incentivo político do cabelo natural, que pelo método discursivo tem alcançado várias categorias de discussão...” (LOPES & FIGUEIREDO, 2012).

Na discussão formulada, essas pesquisadoras, englobam várias questões e problemáticas, como a questão étnico-racial, o preconceito sofrido, a aceitação do cabelo natural, a solidão da mulher negra, o feminismo negro, entre outras questões. Também enfatizam a importância da construção do movimento das Crespas e Cacheadas, e como ele está crescendo graças ao Ciberespaço, que aproxima todas as mulheres de cabelos crespos. Essas autoras apontam o advento da globalização no século XXI, como um poderoso instrumento responsável como ponto de partida e desenvolvimento para o movimento de aceitação da mulher negra. Nele são definidos alguns conceitos ideológicos; conceitos esses como: mulheres crespas, empoderamento e identidade racial (LOPES & FIGUEIREDO, 2012, p.04). Analisemos a citação a seguir de Gomes:

A partir do movimento em que o modo de usar o cabelo expressa uma intervenção política que permite contestar o sistema de beleza hegemônico, torna-se um dos pontos centrais nas discussões sobre identidades negras no Brasil do início do século XXI, passando a ser critério de afirmação identitária. O fenótipo incide fortemente na identidade negra, sobretudo, o cabelo e a cor da pele que denotam a pertença à etnia negra e que se torna em muitos casos fator determinante para a discriminação (GOMES, 2004, p.04).

No final do século XX a discussão sobre o cabelo crespo, não foi tão discutida, quanto na contemporaneidade. Atualmente a discussão quebrou paradigmas na sociedade brasileira, à medida que trouxe à tona outras discussões e problemáticas vividas pela mulher negra na sociedade. Como a questão do racismo, do preconceito com o cabelo crespo e cacheado, o machismo, a aceitação da mulher negra e sua inserção no mercado de trabalho. Frente a nova realidade, a questão da cor da pele, e o tipo de cabelo, são assuntos discutidos e também questões ainda não resolvidas no Brasil, ou seja, o fenótipo ainda influencia fortemente na construção da identidade da mulher negra. Essa realidade está relacionada à condição de escravizados/as a que negros/as foram submetidos/as no Brasil, e ao fato de a sociedade combinar modernidade com escravidão, visto que o Brasil foi o último país da América a abolir a escravatura e não ter criado mecanismos de inclusão da pessoa negra na sociedade de classe, o que faz com que a história e identidade da mulher negra, sejam discussões mal resolvidas, ou seja, um tabu (FREITAS, 2018, p.72).

Além da questão da “crise de identidade”, HALL argumenta a forma como a identidade é construída e como a estrutura social impacta na construção. Esse autor chama esse processo de “modelo sociológico interativo”, o que consiste na forma como o mundo exterior é internalizado pelo indivíduo e como o mundo interior do indivíduo é apresentado ao mundo exterior, isto é, a relação entre sociedade e indivíduo é uma via de mão dupla (HALL, 2005, p. 72).

Outra autora que discute sobre a mulher negra e sua relação com o cabelo e identidade, é Freitas (2018). Nas suas pesquisas, essa autora enfatiza a questão da identidade da mulher negra, e afirma que durante o processo de subjetividade da mulher negra, a identidade deste indivíduo sofre com interferências negativas e racistas. Essa autora aponta a teoria sobre o que é ser “belo”, e a mutação que esse conceito sofre, o mesmo depende do período e da sociedade que está inserido. A partir daí a mesma discute como o corpo é visto e manuseado na sociedade contemporânea pelas grandes indústrias e a globalização. Nesse processo as mulheres negras são penalizadas com a imposição de determinado padrão de beleza. Então é daí que vem a resistência; um dos objetivos da mulher negra, elas se apresentam contra a lógica hegemônica de beleza. Por fim essa autora explica sobre a insatisfação da mulher negra, com a imposição da sociedade sobre a lógica hegemônica e se empodera, com o propósito de assumir seu cabelo crespo. Para isso a mulher tem que passar por um processo conhecido como “BC”, o Big Chop, é quando a mulher corta aos poucos o cabelo liso, e deixa o cabelo crespo crescer, não corta o cabelo totalmente. É um momento de transformação.

Outra discussão relevante foi formulada por Santos (2015). Nas suas pesquisas, essa autora discute sobre mulheres, que começam assumir seus cabelos crespos, e é a partir daí que elas se posicionam politicamente, assim ressignificam suas identidades como mulheres negras através de redes sociais e vídeos postados no Youtube. Para fundamentar sua discussão e análise essa pesquisadora recorre a teóricos como King, uma vez que esse autor define “o cabelo como parte de um corpo social”. Por outro lado, Santos (2015) aponta que “nos últimos anos há uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres negras no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento”. Ou seja, as mulheres negras estão cada vez mais se libertando dos estereótipos empregados pela sociedade. Essa autora define esse conceito como “empoderamento” na perspectiva da luta das mulheres negras. Assim ela aponta e define outro conceito ideológico que faz parte da linguagem das mulheres crespas, “Identidade”.

3. CIBERESPAÇO: CABELOS CRESPOS E CACHEADOS COMO PRÁTICA DE POLITIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS

Para desenvolver a discussão recorrente neste trabalho analisei no ciberespaço, os grupos de Facebook e Instagram que abordam no perfil o cabelo crespo e as mulheres negras que aderem o visual natural. Esse novo meio de comunicação, que podemos chamar de Ciberativismo negro, é formado por grupos de comunicação e interação, com o propósito de discutir e exaltar a beleza da mulher negra com o cabelo natural. O grupo no Facebook analisado neste trabalho foi “Cachos”, nesse grupo as mulheres postam suas fotos, com o cabelo natural, interagindo com outras mulheres através dos comentários. Algumas que postam, estão na “Transição Capilar”, perguntam se já pode cortar a parte lisa do cabelo, as respostas no comentário são positivas. No grupo “Cachos” as mulheres publicam fotos de diferentes texturas de cabelos crespos; fazem memes sobre o que é ter cabelos crespo e cacheado, a questão do preconceito que sofrem. Outras discutem sobre acontecimentos após assumirem seus cabelos naturais, geralmente o preconceito vem do próprio companheiro, e também dos colegas no local de trabalho. Argumentam o quanto sofrem, com a queda de cabelo e como convivem com a transição capilar pós-química. Uma interação com as outras, sobre quais marcas de cremes e shampoos são indicados a usar para os cabelos naturais, e entre essas marcas são muitas, entre as linhas em que em sua composição tem são citadas as Veganas, a Low Poo, Liberado, ou seja, uma imensa sugestão de produtos.

Esses grupos funcionam como se fossem uma linha do tempo, muitas das mulheres seguidoras do grupo “Cachos”, postam o desenvolvimento de seus cabelos crespos e cacheados no decorrer dos anos, e também o antes e o depois. Outras mais inseguras postam fotos com cabelo liso e crespo, perguntando qual a melhor combinação. O grupo ainda dispõe de vídeos com tutoriais de como cuidar dos cabelos naturais, como tipos de cortes, hidratação natural, e como finalizar o cabelo, em alguns tutoriais, percebe-se que há propaganda de alguma marca famosa de cosméticos. Elas postam fotos de famosas negras com seus cabelos naturais, que para elas são representantes e inspiração. Mas não é só sobre cabelo que as mulheres discutem, elas também falam sobre cor, raça e etnia. As redes sociais que discutem sobre o cabelo crespo, vão desde grupos de Whatsapp, Facebook, Instagram e até Youtube. Nessas redes são discutidos e também há trocas de experiências. Um grupo de Instagram que mais chama atenção é o “Transição Capilar Oficial”, existe desde 19 de julho 2016 e conta com 221 mil seguidores, as criadoras são Talita Vieira e Danilza Queiroz. Nesse grupo as seguidoras podem postar o antes e depois da transição capilar, enviarem suas fotos para o

administrador do grupo, e depois é publicado no Instagram o antes e o depois da transição. Transição significa “passagem de um estado ou de coisas”, ou seja, a transição capilar é a passagem do cabelo estirado, quimicamente tratado, para o cabelo crespo ou cacheado natural. A transição demanda paciência da mulher, pois muitas vezes o período ultrapassa um ano, para chegar no objetivo, ou seja, o de assumir o cabelo natural. Por isso, são criados grupos cibernéticos, para a mulher negra poder mostrar seu dia a dia no processo de transição.

Outro grupo no Instagram é “guiaparacacheadas”, foi criado em 02 de janeiro de 2020, e conta com 325 mil seguidoras. Nesse grupo há tutoriais sobre como cuidar do cabelo crespo, os cuidados são lavar, pentear, quais melhores cremes de tratamento; penteados e até dicas. Diariamente são postadas no grupo novidades relacionadas ao cabelo crespo, conceitos e resultados para o cabelo, um dos conceitos são “Day after”, que traduzindo para o português significa “dia seguinte”, que se refere um dia após a lavagem do cabelo. Esse conceito tem o intuito de direcionar as mulheres no cuidado do cabelo seco, após a lavagem. Existem até cosméticos que já utilizam esse termo para vender os produtos. No mesmo grupo tem dicas para não desistir da transição capilar, pois esse momento é difícil, a transição consiste em queda de cabelo, comparação através da raiz do cabelo com outros cachos, muitas mulheres sofrem, porque sabem que devem cortar a parte lisa do cabelo, e isso é uma mudança radical.

São muitas as Youtubers que representam a mulher crespa, Vandressa Ribeiro com 233 mil seguidores, criou o canal no Youtube em 2014, busca compartilhar a história dos seus fios crespos e um pouco de sua vida com os escritos. A mesma publica tutoriais na sua página onde dá dicas de como cuidar e tratar os cabelos crespos, além disso, ela indica linhas de cosméticos para as inscritas. O movimento feminista de mulheres negras em defesa do cabelo crespo e cacheado também está presente na MPB, principalmente na produção musical de jovens cantoras negras e engajadas com a luta antirracista, a exemplo da cantora Thabata Lorena, em cuja letra da música “**Alisar pra quê**”, que faz uma interrogação à mulher preta.

Preta, cê vai alisar pra quê?
 Alisar Pra Quê?
 Preta, cê vai alisar pra quê?
 Deixe seu cabelo aparecer
 Até porque pelo traço, pela cor já da pra ver
 O sarará que você tanto tenta esconder
 Preta, cê vai alisar pra que?
 Deixe seu cabelo aparecer
 Até porque pelo traço, pela cor já dá pra ver
 Um sarará crioulo
 Formosura, seu cabelo é a moldura

É doce, mas não é mole, que nem rapadura
 É pedra noventa, só enfrenta quem aguenta
 Quem se assume como é pro time entra
 Entre porta, entre mil e portais
 Quebra de convenção, revolução para os iguais
 Mas preta, cê vai alisar pra quê?
 Se é bem melhor deixar sua negritude aparecer
 Até porque a energia que se gasta pra esconder
 É perdida na expressão do seu ser
 Nem bom, nem mau
 Nada mais do que cabelo natural
 É um cabelo de nego, de quem não negou
 Sarará, pixaim, fuá, bombril
 Miscigenação no brasil
 Um cabelo de nego, de quem não negou
 Sarará, pixaim, fuá, bombril
 Miscigenação no brasil
 Alisar pra quê?
 Deixe seu cabelo aparecer
 Até porque pelo traço, pela cor já dá pra ver
 Um sarará, sarará, sarará, sarará crioulo
 Sarará crioulo, sarará crioulo
 Preta, cê vai alisar pra quê?
 Deixe seu cabelo aparecer
 Até porque pelo traço, pela cor já dá pra ver
 Um sarará, sarará, sarará
 Formosura, seu cabelo é a moldura
 É doce, mas não é mole, que nem rapadura
 É pedra noventa, só enfrenta quem aguenta
 Quem se assume como é pro time entra
 Entre porta, entre mil e portais
 Quebra de convenção, revolução para os iguais
 Mas preta, cê vai alisar pra quê?
 Se é bem melhor deixar sua negritude aparecer
 Até porque a energia que se gasta pra esconder
 É perdida na expressão do seu ser
 Nem bom, nem mau
 Nada mais do que cabelo natural
 É um cabelo de nego, de quem não negou
 Sarará, pixaim, fuá, bombril
 Miscigenação no brasil
 É um cabelo de nego, de quem não negou
 Sarará, pixaim, fuá, bombril
 Miscigenação no Brasil
 O mundo velho e decadente
 Não aprendeu a admirar a beleza, a verdadeira beleza
 Que põe mesa, que deita na cama
 A beleza de quem cuida, a beleza de quem ama
 A verdadeira beleza que trará a paz e a compreensão.

Disponível: Deezer.com.br. Novidades Ancestrais. Thabata Lorena. 2014. Gravadora: Tratore

Na letra da música “Alisar pra quê”, a cantora Thabata Lorena afirma que quando a mulher negra quer esconder o cabelo, através de alisamento, muitas das vezes esconde sua identidade, de onde veio e quem é. De acordo com essa cantora o cabelo crespo mostra a força da mulher negra, trata-se de um cabelo que tem história, o que permite a seguinte ideia: Somos mestiças, pelos nossos traços já dá para ver, então para quê esconder?

Cabelo da Desgraça

Rapaziada da Baixa Fria

É daquele jeito, mantenho o respeito,

O cabelo é crespo, o corpo é preto.

Ouviu direito, então por que passa

Alisante, escova, chapa?

Se envolver nessa farsa renegando a nossa raça.

Só porque inventaram que é duro?

A verdade eu te juro,

Esse é o passado, o presente o futuro de quem tem o corpo escuro.

Mas ainda acha normal.

Passar alisante, ficar legal.

Prefiro o meu crespo, natural, trançado, enrolado ou black pow.

Quem é nunca se humilha.

Cabelo crespo, o olho brilha.

Só em saber e ver minha filha com uma boneca preta que nem a família.

Quem alisa parece que esquece que o crespo sempre cresce.

É isso que merece saber que a raça prevalece.

Sou blackão! Eu sou blackão! Cabelo da desgraça!

Cabelo da desgraça.

Sou blackão! Eu sou blackão! Cabelo da desgraça!

Cabelo da desgraça.

Puxa, estica, assim não vai dar.

Temos que cortar o cabelo para poder trabalhar.

- Lá vai ele passando, que cabelo da desgraça!

- Corta essa porra, rapaz, deixa de palhaçada.

- Ham! Ham! Deus é mais já se olhou no espelho?

- Você ate é bonitinho, mas o que mata é o seu cabelo.

- Há! Há! Há! Há! Tá engraçada pra caralho.

- Não chega perto de mim que pra sair vai dar trabalho.

Se não me esquivar acaba furando o meu olho.

- Em seu cabelo tem insetos carrapatos e piolhos.

Isso é coisa de preto, de ladrão, de maconheiro.

Que anda todo largado e diz que temos pré-conceito.

- Olhe-se num espelho!

- Não vejo nada.

- Veja o seu reflexo que é bonito e inteligente.

Saquei vejo auto-estima um mano sem complexos.

Um preto assumido, fazendo o seu protesto.
 Só quem é louco se identifica!
 Pode vir um, dois, três.
 Tô chamando pra briga.
 Ê ai? Qual que é?
 Então, vai encarar?
 Pode vir, chegue mais perto, mas, chegue pra soltar.
 Quer dizer, se puder, se não eu arregaçô.
 O único jeito de me derrotar é fazer melhor o que eu faço.
 Quer dominar alguém, destrua sua cultura.
 Se arme de artifício e construa sua estrutura.
 Demonstre que comanda e que merece obediência.
 Se não tiver resultados, meu irmão, paciência!
 Arma psicológica que ofereço para ti.
 Se errou. volta pro início pede pra repetir
 Desistir não vamos, não faz parte do plano.
 Foram séculos e séculos estudando e observando.
 (...) Está chegando à hora e hora de partir (...)
 Vamos bater de frente estamos aqui pra competir.
 Minha cultura é baseada em quatro elementos.
 Cabeça é apoio junte-a aos demais membros.
 Pôxa me desculpa se esta confundindo a sua.
 O que me fortalece é a auto-estima da revolução das ruas.
 Que nem os black powers, cinco mil soldados.
 Ou melhor, panteras negras, injuriados revoltados.
 Vou até trazer pra nós, convocar meu porta voz,
 Seu Zumbi dos Palmares e os irmãos Nagôs.
 Quem assumiu a cabeça? em Palmares 30 mil
 Foram tranças na raiz e o resultado camuflado.
 Todo mundo igual, pelo menos na aparência.
 O ideal é um único e a liberdade e a sentença.
 E eu acho que é isso que faz repercutir.
 Meu cabelo solto ou trançado vai ser crespo, vai ser crespo até cair,
 até cair.
 Sou blackão! Eu sou blackão! Cabelo da desgraça!
 Cabelo da desgraça.
 Sou blackão! Eu sou blackão! Cabelo da desgraça!
 Cabelo da desgraça.
 Sou e sou filho da mãe África/
 sinto falta do meu blackao, do cabelo da desgraça.
 Agora que estou aqui com o meu já trançadinho,
 Cabelo duro de resposta pronto para o desafio.
 Junto aos meus parceiros para a guerra no empenho,
 Enfrentar todo o racista do território brasileiro.
 Armados da mente aos dentes, guerreiros afro descendentes.
 Televisão o primeiro alvo o segundo alvo o presidente.
 Na sequência dos nossos ataques vem às igrejas evangélicas,
 Usufruindo o dizimo e prometendo a vida eterna.
 Jogando o preto contra o preto é você sabe como é:
 Pastores são os próprios demônios falando mal do candomblé.

A guerra está só no começo, o racismo é o pior dos vírus.
Disponível: Deezer. Com .br. Rapaziada da baixa fria. Integrantes:
Aspri, Lúcio Sena, Dj Charles Brak e Fabrício Santos. Ano 2010.
Gravadora: RBF- rapaziada da Baixa Fria.

A música “Cabelo da Desgraça”, em toda sua letra, fala de todo o preconceito que o preto passou por conta do cabelo crespo, e os adjetivos, como por exemplo, “cabelo crespo é de bandido”. Também fala de todas as lutas de protagonistas negros, que fizeram parte da luta contra o racismo, e lutaram pela liberdade. O cabelo crespo é uma forma de resistência ao preconceito e à desigualdade. Na perspectiva desta música aqueles que se sentem agredidos pelo cabelo do negro são justamente aqueles que precisam enxergar nitidamente a aceitação da negritude. É provada através dessa música que a aceitação do indivíduo negro é uma “cartada de mestre” contra toda doença do racismo, contra esse “vírus” que é o preconceito.

Cabelo

Maysa

Dizem que é a moldura do rosto seja lá o que isso for
Eu sei que tem pra tudo o que gosto
Esse fio quem penteou
A menina todo dia para e fica horas no espelho
Prende e solta, passa fita, mexe que remexe no cabelo
Se tem lacinhos, cachinhos, é curtinho, que importa é você gostar
É você gostar
Houoh, livre, leve e solto
Houoh, meu cabelo, uooh
Houoh, loiro, preto, roxo
Houoh, cabelo, uooh
Cabelo
Quem nunca viu cabelo rebelde, quando acorda sem querer
E quem não tem cabelo que cresce, não precisa se esconder
O menino também gosta, mexe no topete o tempo inteiro
Cê é tipo desencanado, finge que não liga pro cabelo
Se é enrolado, cortado, alisado, que importa é você gostar
Houoh, livre, leve e solto
Houoh, meu cabelo, uooh
Houoh, loiro, preto, roxo
Houoh, meu cabelo, uooh
Houoh, livre, leve e solto
Houoh, meu cabelo, uooh
Houoh, loiro, preto, roxo
Houoh, cabelo, uooh
Cabelo
Na, na, na
Na, na, na

Na, na, na

Na, na, na

Houoh, livre, leve e solto

Houoh, meu cabelo, uooh

Houoh, loiro, preto, roxo

Houoh, cabelo, uooh

Houoh, livre, leve e solto

Houoh, meu cabelo, uooh

Houoh, loiro, preto, roxo

Houoh, cabelo, uooh

Disponível em: [Deezer.com.br](https://www.deezer.com/br). Álbum: Eu cresci. Maísa Silva. Ano. 2014.

A música fala de todos os tipos de cabelo, e não importa o tipo de fio de cabelo, o que impera é o anseio em ser livre, se sentir bem consigo mesmo, É gostar do seu próprio cabelo. Essa música seria um bom recurso para utilizar em sala de aula, com as crianças, é através da letra da música que a criança irá entender, que não existe um modelo hegemônico de beleza. É justamente através da diversidade de cabelos, movimentos e formas que o cabelo negro revela sua beleza nobre e sensível. Amar o próprio visual e aceitar-se é o que enobrece o visual do negro. A atenção com os detalhes descritos na música mostra o quanto a sensibilidade pode se transformar em empoderamento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os estudos abordados neste trabalho, o cabelo sempre em toda a história fez parte de discursos culturais, políticos, sociais, e até religiosos, desde tempos remotos, como na Idade Média, em que os cortes de cabelos mostravam a posição social de alguém. Já nos dias atuais, não é diferente, além da cor da pele, e do status social, o cabelo também faz parte dos estereótipos. Por trás de tanta luta, contra o racismo e o preconceito há fatos que perduram a tantos períodos. No período contemporâneo, o preconceito e o racismo são assuntos muito discutidos, isso nos leva a crer que muito já foi avançado contra o preconceito. Porém há muitos caminhos a serem percorridos e a arte, principalmente a expressão musical é uma ferramenta muito eficaz para a exposição das temáticas sobre o preconceito, para conscientização e principalmente para uma análise crítica e aprofundada da realidade sociocultural que estamos inseridos, principalmente no contexto brasileiro de miscigenação.

O cabelo se tornou uma arma política, a aceitação do cabelo crespo é muito discutida na atualidade, e de forma diferente das formas anteriores, se compararmos com outros períodos. Com o vasto número de grupos de redes sociais, as mulheres encontraram uma ferramenta para se comunicarem sobre seus anseios, e sobre os preconceitos que elas passam em seu dia a dia. O espaço cibernético tem sido utilizado como uma ferramenta social que valoriza a autoestima, e reivindica respeito e aceitação, com relação às mulheres negras, em geral. Essa grande ferramenta virtual, faz com que as mulheres se orgulhem a cor da pele, e do cabelo que possuem, permite a compreensão do significado de identidade, e também a aceitação de sua origem Afro brasileira. A valorização do cabelo afro merece grande destaque midiático e isso foi refletido nos estudos abordados neste trabalho, entendendo que as redes sociais a cada dia estão trabalhando temas cada vez mais diversificados principalmente ao que concerne à figura feminina e a negritude.

Muitos estudiosos da área e músicos efetuam consideráveis produções e foi justamente acerca disto que este artigo discorreu, além de dissertar que a figura feminina necessita de espaço e é justamente no espaço cibernético que as vozes femininas são verdadeiramente ouvidas e compreendidas, pois entram em cena e transformam a realidade. Expondo suas lutas e seu processo de aceitação, as mulheres através da internet encontram espaço para o debate, para a transformação. É preciso falar sobre a negritude, aceitar suas características e enaltecer o empoderamento feminino como libertação dos padrões estereotipados pela mídia. A identidade da mulher negra está em seus cabelos, em seus traços, em sua história. Uma mulher empoderada é aquela conhecedora de seu potencial e que é agente transformadora da própria realidade.

O espaço das redes sociais demonstra que a interação e os debates em páginas das mais diversificadas possíveis sobre as mulheres negras e seus cabelos têm repercutido positivamente resultando no ciberativismo que é uma considerável “mola propulsora” de debates, reflexões e do empoderamento tão necessário e justo às mulheres negras.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. Cabelo crespo e Mulher Negra. A relação entre cabelo e a construção da identidade negra. Ano. 2 V.2 N.2 2018. UFPE

SANTOS, Jordana Souza. Do Black Power ao cabelo crespo. A construção da identidade Negra através do cabelo. Ano. 2018. USP São Paulo

GOMES, Nilma Lino. Fios que Tecem a História: O cabelo crespo entre Antigas e Novas Formas de Ativismo. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/5027-Texto%20do%20artigo-14289-1-10-20180913.pdf>. Acesso em 25 out. 2020.

TALITA, Vieira. Transição Capilar Instagram, 2016. Disponível em @eutralitavieira e @danilzaqueiroz. Acesso em 25 out. 2020

SILVA, Giselle. Cachos. Facebook, 2015. Disponível: www.facebook.com/groups/grupocachosoficial/share. Acesso em: 2 Nov. 2020

VEIGA, Cristian. De Volta aos cachos. Facebook. 2018. Disponível: [www.facebook.com/cachosdo bear\ti=as](http://www.facebook.com/cachosdobear/ti=as). Acesso em: 15 out. 2020

FIGUEIREDO, A.; LOPES, D.L. Fios que Tecem a História: O cabelo crespo entre antigas e novas formas de Ativismo. 2018. . Disponível em: <file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/5027-Texto%20do%20artigo-14289-1-10-20180913.pdf> . Acesso em: 5 ago. 2020

RIBEIRO, Vandressa. Youtuber. Disponível: <https://criadoresid.com/criador/vandressa-ribeiro/>. Acesso em: 15 out. 2020